

## AUTONOMIA: A TRAJETÓRIA DE UMA ADQUIRENTE DE ESPANHOL

Elizabeth Mello Barbosa <sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo pretende traçar a minha trajetória tardia e autônoma para adquirir uma língua estrangeira. A inspiração através da leitura do artigo de Baltra (2000) que mostra, de forma bastante pessoal, a sua trajetória com a língua portuguesa no Brasil e as contribuições de Paiva (2002) e Moura Filho (2009), que defendem que as produções contemporâneas têm que perder a frieza da cientificidade para dar lugar à marca pessoal de cada escritor e pesquisador. Pensando numa criação mais pessoal aos artigos e pensando sobre a minha aprendizagem e tudo que aprendi nas leituras sobre autonomia, motivação, aquisição, estilos e estratégias, foi que me aventurei por este caminho – o da pessoalidade ou da subjetividade. O trabalho tem o objetivo de mostrar o que motivou este caminho, os estilos, as estratégias empregadas e o fato de utilizar inconscientemente todos esses conceitos. Uso inconsciente sim, pois se no percurso de minha aprendizagem esses conceitos me tivessem sido apresentados, chegaria mais rápido e mais conscientemente ao topo da aquisição.

**Palavras-chave:** Autonomia; Aquisição; Estilos de aprendizagem; estratégias de aprendizagem, motivação.

**Abstract:** This article has the purpose of relating my late and autonomous trajectory of a foreign language acquisition. Reading an article of Baltra (2000) in which he shows, in a very personal way, his story as a learner of the Portuguese language in Brazil, was a motivator to the way this work was developed. Also, the contributions of Paiva (2002) e Moura Filho (2009), who defend that later academic literary productions have to lose the distance of scientificity and give room to individual traces of each writer and researcher were taken into account. Through thinking of a more personal creation of scientific articles and reflecting my readings about autonomy, motivation, acquisition, styles and strategies was that I decided to take this course: the one of subjectivity. This work has the objective of exposing what factors motivated my learning process – styles and strategies used – and the unconsciousness of the use of concepts. It is unconscious because, if these concepts were exposed to me during the first stages of my learning process, I would reach the peak of acquisition faster and more consciously.

**Key-words:** autonomy, acquisition, learning styles, learning strategies, motivation.

### Introdução

Para chegar ao ponto de adquirente autônoma de espanhol, e ter consciência que, na maior parte do processo de aquisição, eu não conhecia os grandes conceitos relacionados,

---

<sup>1</sup> Mestra em Linguística Aplicada pela UnB, Especialista em Docência Superior e Metodologia de Língua Espanhola pela Faculdade de Tecnologia equipe Darwin, Especialista em Métodos e Técnicas pela Universidade Salgado Oliveira, Graduada em Pedagogia pelo UNICEUB e em Letras/Espanhol pela UNITINS.

abordarei os construtos de motivação, estilos de aprendizagem, estratégias de aprendizagem e autonomia. Em meio aos conceitos, explicarei como se deu o meu processo de aquisição da língua espanhola. Fui capaz de adquiri-la sem ter noção da maioria desses conceitos, no entanto, tenho consciência que se tivesse sido apresentada a eles, minha aquisição teria sido mais exitosa e mais rápida.

### **Fundamentação teórica**

A ideia deste trabalho é de proporcionar o entendimento de que um aprendiz interessado pode, por meio de determinados conceitos, adquirir uma língua estrangeira com maior facilidade. Não posso deixar de mencionar que existem inúmeras estratégias e estilos de aprendizagem, bem como diferentes níveis de motivação que levam um estudante a adquirir uma língua estrangeira.

### **Motivação**

O primeiro tópico escolhido – a motivação – foi inspirado no exemplo de Baltra (2000), um falante nativo espanhol que escreveu sua trajetória sobre a aquisição da língua portuguesa, na qual expôs logo no início de seu artigo as motivações que o levaram a aprender/adquirir o português.

A relação entre motivação e autonomia é apresentada por vários autores. Dentre as muitas dimensões e motivos que levam um aprendiz a buscar a autonomia em sua aprendizagem de línguas, cito dois autores, Dickinson (1995) e Ehrman (1996).

Ehrman (1996) ao tratar da dimensão afetiva da aprendizagem foca em três dimensões que interferem na autonomia e na aprendizagem de línguas, a saber:

- a motivação - está vinculada a razões pessoais e satisfação pessoal (intrínseca); e a melhoria salarial, exigência acadêmica e mercado de trabalho (extrínseca);
- a autossuficiência - expectativa de bons resultados e disposição para assumir os riscos de aprender;

- a ansiedade - pode facilitar o processo mobilizando os aprendizes a cumprirem as atividades ou atrapalhar provocando medo de falhar.

Por sua vez, Dickinson (1995) apresenta vários motivos que justificam o uso da autoinstrução, uma das muitas definições ligadas à autonomia, a saber:

- razões práticas;
- diferenças individuais entre os aprendizes;
- objetivos educacionais;
- a motivação;
- aprender como aprender línguas estrangeiras.

O ponto comum entre os dois autores é exatamente a motivação. A motivação é o primeiro prisma que abordarei para explicar o meu percurso nas línguas estrangeiras. Para entender o que de fato motivou o meu processo de aprendizagem tenho que esclarecer alguns fatos sobre o momento da escolha da língua-alvo – o espanhol.

Num primeiro momento confesso que a língua espanhola foi uma escolha aleatória e conveniente. Aleatória, pois teria escolhido qualquer língua que fizesse com que retornasse aos estudos, depois de uma grave enfermidade e dos 40 anos de idade. Conveniente, pois era um curso a distância, com encontros semanais próximos de minha residência e que oferecia apenas o espanhol como língua estrangeira. Se quisesse estudar inglês teria que me deslocar por 40 quilômetros, o que após um longo período de recuperação seria por demasiado exaustivo.

Nunca parara de estudar e dizia aos quatro cantos que estaria de bengalas em uma sala de aula, pois a paixão de estudar sempre me movera. Entretanto, a trajetória profissional que outrora abraçara teria desviado a vida acadêmica da aprendizagem de línguas.

No período de convalescença, um sonho voltou a fluir, o de ser poliglota como o professor de meu avô - um senhor letão que falava oito línguas e de uma inteligência invejável, que fez parte de minha infância no sul do país. Sem perspectivas de voltar a

trabalhar, por que não realizar o sonho de menina com algo que realmente sempre sonhara? Afinal o que me movia era aprender línguas, muitas delas.

Aprender uma língua aos 40 anos, por mais que eu ouvia que é uma língua parecida com o português, parecia um grande desafio. Nesse momento ainda não conhecia as teorias de aquisição e que, embora Krashen (1982) dizia que as crianças aprendiam de forma mais eficaz uma língua estrangeira, e que não ficavam nervosas quando expostas a ela, provava que adolescentes e adultos apresentam uma maturidade cognitiva, uma noção metalinguística e um conhecimento do mundo que os cerca que falta aos aprendizes mais novos. Toda a falta desses conhecimentos trouxe à tona a ansiedade.

Nesta ocasião não tinha a mínima ideia sobre Schumann (1978) Krashen (1982), Dickinson (1991) ou Brown (1993) e confesso que pouco aprendi sobre eles na nova graduação. Nova, porque, como já havia citado, os estudos sempre fizeram parte de minha vida. Graduei-me em Pedagogia e Ciências, me especializei em Métodos e Técnicas de Ensino e Docência Superior, além de tantos outros cursos de extensão e aperfeiçoamento.

Em cursos a distância, a interação fica prejudicada e, em minhas crenças de aprender línguas, sem saber ou ter nenhuma ideia de crenças, identidade, cognição, acreditava que precisava mais do que algumas horas semanais *on-line*.

A partir deste ponto apresentarei as motivações, agora embasadas pela teoria da motivação, utilizadas em minha aquisição da língua espanhola.

John Schumann (1978) foi pioneiro no campo de ASL e em levantar a bandeira de que não há cognição sem emoção. De fato, seu argumento central é que a aquisição de língua materna e de uma segunda língua são processos fundamentalmente orientados pelas emoções e que a afetividade embasa a cognição humana.

Toda a minha trajetória na aquisição foi movida muito mais pela emoção, pelos motivos intrínsecos que extrínsecos.

Segundo Ellis (1994) há um conjunto de variáveis individuais que foram identificadas por diversos pesquisadores. Ele argumenta ao longo do capítulo dedicado à temática que não há distinção clara entre termos como crença, atitude, estado, fator, variável, estilo de

aprendizagem e motivação. O autor resume a pesquisa sobre as diferenças individuais agrupando-as com os seguintes conceitos:

- crenças: estados mentais, conscientes ou inconscientes, sobre como uma L2/LE pode ser aprendida de maneira mais efetiva. Elas refletem experiências prévias e fatores como estilo cognitivo e personalidade;
- estilos cognitivos: alunos apresentam diferentes estilos de aprendizagem, variando entre uma tendência e preferência a ser mais analítico, descontextualizado e formalista na aprendizagem, e uma tendência a apresentar um estilo mais global, intuitivo, e pragmatista em sua prática de aprendizagem;
- idade: não há consenso entre os autores que debatem a questão do período crítico, porém estudos mais conclusivos sugerem que as crianças têm vantagem na pronúncia e na aquisição naturalística, enquanto os adultos têm maior vantagem na área da memória, estratégias de aprendizagem e maturidade no uso circunstanciado da linguagem;
- aptidão: conceito similar ao da idade, não há consenso entre autores na área, mas argumenta-se que este seja um atributo inato do aprendiz que o predispõe a desenvolver habilidades comunicativas e linguísticas com maior facilidade;
- estados afetivos: ansiedade, apreensão comunicativa, medo de avaliação entre outros fatores negativos. Apresentam um considerável impacto na aprendizagem;
- motivação: indicador poderoso de sucesso na aprendizagem, já que parece aumentar o esforço, o engajamento e a perseverança dos alunos;
- personalidade: a relação entre personalidade e aprendizagem ainda não está clara; alguns estudos sugerem uma correlação entre extroversão e o desenvolvimento de habilidades orais.

Estudando os conceitos de Rod Ellis pude perceber o quanto engajada estava no processo de aprendizagem e o quanto estes fatores afetavam e determinavam a minha própria aprendizagem como crenças, motivação, estados afetivos, estilos cognitivos e idade.

## **Estilos de aprendizagem**

Sem ter a mínima noção sobre o conceito de Keefe (1979) sobre os estilos serem uma composição que envolvem as características cognitivas, afetivas e fisiológicas do aprendiz e de como interagem com o contexto e nem sobre as categorizações de estilo de aprendizagem de Curry (apud Griggs, 1991) e Moura Filho (2005), elegi a interação social sob o modelo de Reichmann & Grasha (1974) como uma das prioridades em meu processo de aprendizagem.

Nos primeiros meses do curso me propus a estudar espanhol em casa para poder ajudar aos colegas de sala de aula. Como todos estavam cursando a primeira graduação, senti-me com a responsabilidade acadêmica de colaborar com meus pares. Nos encontros semanais como aprendiz colaborativo que era, e desconhecia a nomenclatura, estabelecia parcerias para com os colegas para tirar-lhes as dúvidas, auxiliá-los nos trabalhos propostos.

Assumi também a postura do aprendiz participativo fazendo o máximo possível de intervenções nos fóruns e chats propostos pelo curso.

Em seguida, ainda pensando no fator interação como um dos pontos fortes do percurso, matriculei-me na melhor escola de espanhol de minha cidade e enviei meu currículo para uma escola particular, acreditando que a prática seria uma forma de alcançar êxito na aquisição da língua-alvo. Talvez a modalidade tátil de Dunn, Reinert (apud Reid, 1987) se encaixasse perfeitamente aqui.

No curso era incentivada a falar, produzir, escrever e ler – as quatro habilidades. Também era incentivada, cada vez mais, a buscar sites, livros, filmes e músicas na língua espanhola.

## **Estratégias de aprendizagem**

Segundo Oxford & Nam (1998), as estratégias escolhidas pelos alunos estão diretamente relacionadas com o seu estilo de aprendizagem. Embora, Freitas (1998) tenha afirmado que o uso das estratégias pode ser ensinado e treinado, até o momento eu não tinha consciência do que eram estratégias.

Dentre as subáreas propostas por O'Malley e associados (1985a, 1985b), a saber: a metacognição, a cognição e socioafetiva, pude perceber que usava algumas destas estratégias sem saber que o fazia.

Nas estratégias metacognitivas, automonitorava minha pronúncia, gramática, vocabulário e adequação aos contextos de aprendizagem. Autoavaliava-me constantemente a respeito de meu desempenho e competência linguística.

Nas estratégias cognitivas, usava a repetição e a tradução. Sempre fazia anotações e resumos ressaltando os pontos mais importantes. Fazia uso da representação auditiva, da transferência e inferência.

Nas estratégias sócio-afetivas, fazia uso da cooperação, de questionamentos clarificadores e conversava comigo para ouvir minha pronúncia e baixar a minha ansiedade quando tivesse efetivamente que usar a língua em questão.

As estratégias sociais, segundo Wenden & Rubin (1987), são atividades que os aprendizes buscam como formas de oportunidades para expor e praticar a língua-alvo. Nessa ocasião fui contratada por uma escola particular para ministrar aulas de espanhol no ensino fundamental e assim pude expor e praticar a língua espanhola.

Outra oportunidade de expor e praticar a língua-alvo foi matricular-me na Universidade de Buenos Aires na Argentina para fazer um curso de inverno. O mês de imersão na língua espanhola trouxe grandes experiências e mais confiança no uso da língua em sala de aula.

De acordo com Schumann (1978), quando estamos no país da língua-alvo passamos por estratégias de integração como assimilação, preservação ou adaptação. No meu caso passei por um período de adaptação, pois mantive meus valores e estilos, ao mesmo tempo em que tentava adaptar-me ao grupo de estudos.

Nos últimos meses, já cursando o mestrado em Linguística Aplicada é que fui apresentada a Brown (1993), e tomei conhecimento de que os aprendizes de línguas estrangeiras podem ser treinados em estratégias de aprendizagem que os levem a:

- reduzir inibições;



- correr riscos;
- construir a autoconfiança;
- desenvolver motivação intrínseca;
- promover a aprendizagem cooperativa;
- usar o hemisfério cerebral direito;
- promover a tolerância;
- usar a intuição;
- utilizar os próprios erros de maneira construtiva;
- estabelecer suas próprias metas.

De posse desses conhecimentos e do incentivo de Almeida Filho (1993) sobre o lançar-se na correnteza, ou seja, começar a usar a língua-alvo na sala de aula, passei ao novo passo de minha escalada. Após ser aprovada em um concurso público para professora de espanhol, comecei a ministrar as aulas na própria língua, incentivando meus alunos a falarem, lerem, cantarem e produzirem em espanhol. Um dos pontos mais importantes nesse processo, e o equívoco que não queria cometer, era, exatamente, corrigir os erros de meus alunos, intimidando-os ou causando ansiedade. Nem todos gostam da aula na língua-meta, devido ao contexto social e cultural em que vivem, então temos tentado negociar e assim produzir aulas prazerosas.

### **Autonomia**

Movida por uma educação bastante tradicional e em contexto politicamente fechado, o que mais me chamou a atenção sobre autonomia foram as contradefinições de Little (1999) que nos dizem que autonomia não é:

- Autonomia não é sinônimo de autoinstrução, ou seja, aprender não é somente aprender sem a intervenção de um professor;
- Autonomia não é o banimento do professor no processo de aprendizagem;
- Autonomia não é algo que o professor possa fazer pelos aprendizes;



- Autonomia não é um comportamento facilmente identificado;
- Autonomia não é um estágio que, quando alcançado, dure para sempre.

Se autonomia não significa nenhum dos conceitos acima, então o que seria autonomia? Holec (1981) descreve autonomia como sendo a habilidade de uma pessoa assumir a sua própria aprendizagem. Little (1999) diz que autonomia é a capacidade para distanciamento, reflexão crítica, tomada de decisão e independência de ações. Já Benson (2001) revela que autonomia é a capacidade de alguém controlar sua própria aprendizagem.

Sem a consciência do que seria um aprendiz autônomo e muito menos de que um aprendiz pode ser treinado, ensinado, dirigido a ser autônomo, sucumbi às palavras de Dickinson (1991) sobre o treinamento de aprendizes, questionando se meus professores teriam consciência desses conceitos quando ministravam suas aulas.

Segundo esse autor:

- valorizar qualquer esquema ou estratégia que os aprendizes adotem para potencializar a aprendizagem;
- fornecer estratégias alternativas e reconhecer que aprendizes diferentes se beneficiam de diferentes estratégias;
- recomendar aos aprendizes que escolham estratégias que lhes sirvam melhor;
- auxiliar os aprendizes a organizarem seus processos de aprendizagem e recomendar-lhes que busquem o apoio de seus colegas no processo de aprendizagem;
- informar os alunos sobre fatores que ajudam ou atrapalham o aprendizado de línguas;
- estimular os alunos a controlarem os progressos que realizam na aprendizagem;
- treinar os aprendizes para terem consciência de suas produções linguísticas.

Analisando os itens acima concluí que meus professores de línguas, até então, sabiam usar, tinham conhecimento sobre as estratégias de como levar um aluno a adotar uma postura autônoma, só que não esclareciam seus alunos sobre esses conhecimentos.

E sobre o aluno, Dickinson (1995) explica que o aprendiz autônomo deve ter um envolvimento ativo e independente com a língua-alvo. Esse envolvimento demanda cinco habilidades dos aprendizes, que devem estar aptos a:

- identificar o que está sendo ensinado;
- conciliar os seus objetivos com os objetivos do professor;
- selecionar e implementar estratégias de aprendizagem adequadas;
- monitorar e avaliar o uso que fazem das estratégias de aprendizagem;
- monitorar a própria aprendizagem.

Na análise destes pontos sobre a minha própria aprendizagem percebi que utilizava as cinco habilidades, sem, contudo, ter consciência delas.

Segundo Littlewood (1996), o progresso da autonomia é percebido na medida em que os aprendizes:

- podem fazer suas próprias escolhas sobre dicionários e gramáticas;
- escolhem suas estratégias para atingir suas metas de comunicação;
- são capazes de ir mais longe nas escolhas de suas metas, meios e estratégias;
- começam a escolher a aprendizagem do seu próprio contexto;
- começam a tomar decisões que, tradicionalmente, eram dos professores, como escolher materiais e tarefas;
- participam sobre as decisões e progressos dos currículos e programas;
- tomam a decisão de usar a língua dentro e fora da sala de aula.

Lendo o progresso de autonomia apresentado por Littlewood (1995), pude analisar minha trajetória sob a perspectiva da autonomia e verificar o quanto autônoma tornei-me na busca da aquisição da língua-alvo, sem ao menos ter a consciência de que todos estes conceitos faziam parte de meu processo de aquisição e aprendizagem.

Seguindo Brown (1993), quando os alunos produzem suas próprias metas estão treinando sua atitude autônoma de aprender. Meu próximo desafio ou meta é aprender a língua inglesa, pois estou cercada por ela de todos os lados do mestrado e dela não consigo

fugir. Seria essa a minha motivação? Terei que analisar todo o percurso dessa língua até iniciar a nova caminhada para adquiri-la.

### **Considerações finais**

Minha conclusão, portanto é de que a motivação leva ao sucesso na aprendizagem e o sucesso na aprendizagem proporciona cada vez mais autonomia, podendo, ainda, haver uma inter-relação entre esses conceitos. A motivação leva ao sucesso, que leva ao aumento de motivação, o qual leva ao sucesso na aprendizagem.

O sucesso em minha aprendizagem teria sido mais rápido e eficaz se, à época da aquisição da língua espanhola, eu já tivesse os conhecimentos aqui aprendidos. Portanto, termino afirmando que autonomia, aquisição, estilos e estratégias podem e devem ser ensinados ou, pelo menos, apresentados aos aprendizes de línguas.

Ainda quero viver alguns meses em países que falam espanhol para aperfeiçoar meu espanhol. Costumo dizer que como nunca sabemos tudo sobre a língua portuguesa, também não conseguiremos dominar totalmente qualquer língua estrangeira como falantes nativos, a menos que queiramos nos tornar espiões nos países da língua-alvo.

### **Referências Bibliográficas**

ALMEIDA FILHO, J.C.P. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas: Pontes, 1993.

BALTRA, A. My acquisition of portuguese. **Cadernos PUC-SP**, vol 09. São Paulo: EDUC/Cortez Editora, 1981, Tradução de José Carlos P. Almeida Filho, 2000.

BENSON, P. The history of autonomy in language learning. In: BENSON, P. **Teaching and researching autonomy in Language Learning**. London: Longman, 2001. p. 7-21.

BROWN, H. Douglas. **Principles of language learning and teaching**. New Jersey: Prentice Hall, 1993.

DICKINSON, L. Autonomy and motivacion. **System**. Vol. 23, N. 2, p. 165-174, 1995.

DICKINSON, L. Basic issues in self-instruction. In: DICKINSON, L. **Self-instruction in language learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991. p. 4-42.

EHRMAN, Madeline E. **Undertanding second language difficulties**. London: Sage, 1996.

ELLIS, R. **The Study of Second Language Acquisition**. Oxford: Oxford University Press, 1994.

FREITAS, D. Mudança Conceitual em sala de Aula: Uma experiência em Formação inicial de Professores. Tese de doutorado (Doutoramento em Educação). Universidade de São Paulo, 1998.

GRIGGS. Shirley A. Learning styles counseling. Disponível em: <<http://www.ericfacility/ERIC - Digests/ed341890>>. Acesso em 21 set. 2003. Publicado em 1991.

HOLEC, Henri. **Autonomy in foreign language learning**. Oxford: Pergamon, 1981.

KEEFE, J.W. Learning style: na overview. In: **NASSP'S student learning styles: diagnosing and precribing programs**. Reston, VA: National Association od Secondary School, 1979.

KRASHEN, Stephen D. **Principles and practice in second language acquisition**. New York: Pergamon, 1982

LITTLE, D. Issues and problems in the implementation of autonomy. In: LITTLE, D. **Autonomy: definitions, issues and problems**. Dublin: Authentik, 1999. p. 44-57.

LITTLEWOOD, W. Autonomy: an anatomy and a framework. **System**. Vol. 24, N. 4, p. 427-435, 1996.

MOURA FILHO, A.C.L. O que há em um nome? O estado-da-arte da autonomia na aprendizagem de línguas. **Linguagem e ensino**. Pelotas, v.12, n.1, p. 253-183, jan.jun.2009.

MOURA FILHO, A.C.L. Pelo inglês afora: Carreira profissional e autonomia na aprendizagem de inglês como língua estrangeira. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.

MOURA FILHO, A.C.L. Um artigo pra chamar de seu. IX Colóquio do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. UnB. Março 2012.

O'MALLEY, J. Michael; CHAMOT, Ann Uhl; STEWNER-MANZANARES, Gloria; KUPPER, Lisa and RUSSO, Rocco P. Learning strategies used by beginning and intermediate ESL students. *Language Learning*. 35: 21-46, 1985. p. 33-34.

O'MALLEY, J. Michael; CHAMOT, Ann Uhl; STEWNER-MANZANARES, Gloria; KUPPER, Lisa and RUSSO, Rocco P. Learning strategy applications with students of English as a second language. *TESOL Quarterly* 19: 557-584, 1985b (pags. 582-4).

OXFORD, Rebecca & NAM, Christine. Learning styles and strategies of a partially bilingual student diagnosed as learning disabled: a case study. In: REID, Joy. *Understanding Learning Styles in the Second Language classroom*. Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall Regents, 1998.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. Aquisição, ensino e autonomia do aprendiz de LE: da pedra lascada ao século XXI. Palestra de abertura do II FILE – Fórum Internacional de Ensino de Línguas Estrangeiras-, Pelotas, 2002a.

REICHMANN, S.W. & GRASHA, A.F. A rational approach to developing and assessing the construct validity of a student learning scale instrumental. *Journal of Psychology*, 87: 213-223. 1974.

REID, Joy. M. The learning style preferences of ESL students. *Tesol Quarterly*. 21(1):87-111. March 1987.

SCHUMANN, J.H. The acculturation model for second language acquisition. In: GINGRAS. R.C. (Org). *Second Language Acquisition & Foreign Language Teaching*. Washington, D.C, Center for Applied Linguistics, 1978, p. 27-50.

WENDEN, A. & RUBIN, J. (Eds). *Learner Strategies in Language Learning*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1987.